

ANÁLISE CRÍTICA DO PROCESSO DE EMERGÊNCIA DO PERFIL METALÚRGICO JOVEM ADULTO DO ABC PAULISTA: REVISITANDO AS CONTRIBUIÇÕES DE E. P. THOMPSON¹

Renan Araújo²

Resumo: Neste artigo discutiremos, com base nas contribuições de E.P. Thompson, o perfil da “nova geração flexível” encontrada nas empresas da região do ABC paulista, seus costumes, seu cotidiano e os valores morais definidores dos traços sociais deste novo segmento metalúrgico. Interessamos apreender as razões das rusgas existentes entre a “nova geração flexível” e os operários da “velha guarda” à luz das “experiências vividas e adquiridas” que conformam os elementos constitutivos da subjetividade da “geração flexível” operária. Em contraposição à interpretação econômico/mecanicista da história, analisaremos o processo de flexibilização da produção procurando desnudar os elementos que, relativos à cotidianidade operária, estão na base da definição dos processos de vida pessoal, trajetórias histórico-coletivas distintas e balizadoras das atitudes divergentes em relação aos valores morais e padrões de conduta contidos no modo de *fazer-viver-perceber* deste novo segmento do proletariado.

Palavras-Chave: Geração flexível; Experiências vividas e experiências adquiridas; Subjetividade operária.

CRITICISM PROCESS PROFILE EMERGENCY METALLURGICAL ANALYSIS YOUNG ADULT ABC PAULISTA: REVISITING THE CONTRIBUTIONS OF E.P THOMPSON

Abstract: In this article we will discuss, based on the contributions of E.P. Thompson, the profile of the "new generation flexible" found in companies in the ABC Paulista region, their habits, their daily life and moral values of the defining traits of this new social metallurgical segment. We are interested in apprehending the reasons of the conflicts between the "new generation flexible" workers and the "old guard" in light of "lived and acquired experiences" that are part of the elements of subjectivity of the "flexible generation" workers. In contrast to the economic / mechanistic interpretation of history, we will examine the process of flexibilization of the production process looking bare the elements, related to workers' daily lives, that are on the base of the definition of the personal life processes, distinct and guidable historical collective trajectories of the divergent attitudes related to the moral values and standards of conduct inside the way of *doing-living-realizing* of this new segment of the proletariat.

Keywords: Flexible generation; Lived experiences and acquired experiences; Worker's subjectivity.

¹ Parte da tese de doutorado defendida pela UNESP – Campus de Araraquara, sob o título: *O MODO DE VIDA “JUST- IN- TIME” DO NOVO PERFIL METALÚRGICO JOVEM-ADULTO FLEXÍVEL DO ABC: ANTIGOS DILEMAS, NOVAS CONTRADIÇÕES E POSSIBILIDADES.*

² Doutor em Sociologia do Trabalho. Professor do Programa de Mestrado interdisciplinar “Sociedade e Desenvolvimento” da Universidade Estadual do Paraná - Unespar/Campo Mourão e do Programa de Mestrado “Interdisciplinar em Formação Docente” - Unespar/Paranavaí. Líder do grupo de pesquisa CNPq: “Economia do Trabalho, Educação e Desenvolvimento Regional” - Unespar/Paranavaí.

Em sintonia com a tendência global do capital, na década de 1990, o Brasil vivenciou a disseminação do complexo de reestruturação produtiva. No segmento automotivo localizado da região do ABC paulista, a reestruturação impulsionou um intenso processo de mudanças que, de forma complementar, apontaram em duas direções:

A-) flexibilização do processo produtivo e drástica diminuição do operariado empregado diretamente nas empresas montadoras em decorrência das terceirizações em áreas consideradas “não fim”, ou setores produtivos com menor incorporação de novas tecnologias e baixo valor agregado;

B-) Emergência de um segmento operário jovem em convívio com os operários mais antigos ainda remanescentes do processo inicial de formação das empresas. Correlata alteração do perfil social do operariado das indústrias montadoras do ABC paulista quando observado a escolaridade, qualificação profissional, disponibilidade para empreender e engajar-se nos projetos da empresa. Na esteira dessa nova dinâmica, como parte da luta por permanecer no emprego, instalou-se uma relação conflitiva no chão da nova fábrica entre a “geração flexível” recente e a “velha guarda operária”.

Trata-se de mudanças no interior de uma única temporalidade histórica que compreendeu o período de 1955 a 2000, das transformações econômicas e políticas promovidas por Juscelino Kubistchek quando da sua estratégia de desenvolvimento através de incentivos para a criação de um parque produtivo assentado nas indústrias de bens de produção e bens de consumo duráveis (Chapiro, 1997), e do seu posterior esgotamento conforme atestou o processo de reestruturação produtiva impulsionado na década de 1990.

Na primeira fase desse período o Brasil vivenciou a constituição, por excelência, de uma nova materialidade objetiva/subjéctiva calcada na emergência - em escala ampliada -, da classe operária fordista e das suas correlatas formas de resistência política ao processo de expropriação do saber-fazer conforme assinalaram Edgar de

Decca (1983) e Amnérís Maroni (1981), exigindo dos historiadores estudos sobre as novas “evidências”, do fazer-se da classe no seu cotidiano (1963)³.

Desse processo (1955-2000) desnudam-se formas de vida pessoal e trajetórias histórico/coletivas distintas, balizadoras das atitudes divergentes, dos valores morais e padrões de conduta contidos no modo de fazer-viver-perceber deste novo segmento do proletariado vinculado à indústria monopolista, processo social repleto de inflexões quando nos referimos à nova geração operária que emergiu do interior dessas mesmas fábricas após a reestruturação produtiva iniciada em 1990.

É por isso que as contribuições de Edward Palmer Thompson (1963; 1981a) são fundamentais para percebermos a gênese da “geração flexível” da década de 1990 em observância ao contexto histórico que funda sua origem, os costumes, o cotidiano e valores sociais difundidos em sua época, conformando o conjunto das “experiências vividas e experiências percebidas” que, específicas do tempo presente, devem ser apreendidas como base essencial dos elementos constitutivos da subjetividade operária transmutada, implicando na necessidade de superação de pressupostos teóricos que procuraram apreender a formação da classe operária no Brasil.

Fato é, que ao longo do século XX, particularmente até a queda do muro de Berlim (1989) e fim da URSS (1990), *per summa capita*⁴, segmentos da esquerda de vertente estruturalista, guiados pela tese dos “Aparelhos Ideológicos” (Althusser, 1998) e seus impactos na consciência das massas, sustentavam o pressuposto de que o operariado, por sua posição-condição na sociedade produtora de mercadorias se impunham como portadores naturais do devir histórico. De forma um tanto quanto esquemática, potencializavam teses/possibilidades apresentadas por Karl Marx (1968) no Manifesto do Partido Comunista, tal qual a afirmação de que:

³ Foi, pois, no bojo dessas novas tendências que “o Estado brasileiro passou a exercer um papel central na estruturação de uma política industrial possibilitando, inclusive, a atração de parte significativa de novos e significativos conglomerados industriais” (Cano, 1993:17). Para Francisco de Oliveira (1977), essa nova etapa do processo de modernização assentada na entrada do capital estrangeiro exigiu do Estado uma série de diretrizes capazes de garantir a acumulação burguesa. Ou seja, uma intervenção governamental voltada para a criação das condições necessárias à formação e desempenho dos oligopólios. Para o autor, as políticas públicas ancoradas em programas de incentivos terminaram contribuindo decisivamente para promover novos investimentos vinculados à instalação de grandes corporações. Antunes (1985) associou essa nova plataforma desenvolvimentista como sendo processos políticos e econômicos relacionados à opção pela “via colonial” de desenvolvimento: “a nossa burguesia, que se originou pela *Via Colonial*, débil econômica e politicamente desde sua gênese, acabou associando-se, na condição de parceira menor, à sua congênere internacional e com isso submeteu a nação brasileira a um modelo econômico altamente concentrador e excludente” (Antunes, 1985:37). Importante indicador da consolidação deste novo padrão industrial taylorista-fordista diz respeito à projeção numérica da categoria metalúrgica. “Entre os anos de 1950-1976, saltou de 174.607 para 1.420.210 trabalhadores, perfazendo um total de 35% desse novo proletariado industrial brasileiro” (Leite, 1987:98).

⁴ Por alto; sem entrar em pormenores; sucintamente, sumariamente.

O desenvolvimento da indústria moderna, portanto, abala a própria base sobre a qual a burguesia assentou seu regime de produção e de apropriação. O que a burguesia produz principalmente são seus próprios coveiros. Sua queda e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis (Marx, 1968. 53).

Com base nesses equívocos analíticos surgiram teses que atadas ao estruturalismo sustentavam o pressuposto de que o operariado, por ser portador das contradições materiais, de códigos morais e sociais necessários à emancipação humana, promoveria a ruptura social caso rompessem com os aparelhos políticos e ideológico de Estado aos quais se encontravam politicamente aprisionados (Paoli, *et al.*, 1983)⁵.

Em oposição a estes pressupostos teóricos E. P. Thompson se posicionou de forma veemente, pois ao refletirem sobre as possibilidades de movimentos de ruptura radicais, desprezaram a busca pelo entendimento dos elementos históricos que sedimentou a composição social do principal protagonista da transformação; o operariado fabril. Por isso E. P. Thompson encetou que “Althusser não se deve surpreender ao ser acusado de dissolver a realidade numa ficção idealista” (Thompson, 1981b: 31).

No Brasil, tentando seguir a trilha de E. P. Thompson, os estudos de Edgar de Decca (1983) e Amnérís Maroni (1981) apontaram na direção contrária dos pressupostos estruturalistas que procuravam apreender o operariado fabril a partir das ações desenvolvidas, prioritariamente, no interior dos aparatos como os partidos, sindicados, ou então, como subprodutos do processo econômico. Elegendo o chão de fábrica como o novo *locus* da luta política travada na sociedade industrial, Edgar de Decca (1983) chamou a atenção para o fato de que:

O Taylorismo não foi uma transferência de autoridade dentro da fábrica [...] foi mais uma estratégia política para retirar o poder de decisão dos trabalhadores na fábrica por meio de uma permanente apropriação do seu saber, visando com isso destruir uma específica forma de organização do processo de trabalho [...] em qualquer organização da produção, seja ela qual for, não impera a anarquia, mas ao contrário, uma silenciosa rede de solidariedade e de saber cujos desdobramentos podem resultar num perigoso poder dos trabalhadores (de Decca, 1983: 68).

⁵ É importante salientar que os equívocos analíticos que encapsularam o movimento operário no interior das estruturas econômicas não se restringiram as interpretações estruturalistas de “esquerda”. Segundo PAOLI (*et al.*, 1983) tratou-se de um método analítico que, de forma ampla, balizou as análises acadêmicas desenvolvidas ao longo das décadas de 1950 até fins de 1970.

Ou seja, para Edgar de Decca (1983) a fábrica deve ser entendida como o *locus* da luta política considerando a centralidade que ocupou na sociedade industrial urbana. Todavia, para além dos aspectos economicistas que a apreenderam enquanto processo relacionado às grandes transformações econômicas e os operários vistos como sujeitos passivos dela resultante, a fábrica devia ser interpretada enquanto importante esfera da disputa política e social, razão suficiente para que o capital pretenda “despolitizar o espaço da fábrica quebrando e fragmentando as organizações formais e informais dos trabalhadores no controle do processo de produção” (de Decca, 1983: 69).

Temos então, que do ponto de vista do método de análise, cabe ao historiador perceber a fábrica enquanto o espaço da disputa política, suplantando a impressão de passividade do “operária/produto” das grandes transformações econômicas, tal qual a percepção hegemônica e cristalizada na bibliografia que resultou dos estudos sobre o operariado brasileiro a partir da década de 1950 e até meados de 1970 (Maroni 1981)⁶.

Portanto, no Brasil, diante do desafio em compreender a nova sociedade industrial ancorada na emergência da fábrica taylorista/fordista e as novas contradições sociais, a contribuição de “E. P. Thompson oferece a todos os historiadores [...] muitas palavras sobre as complicações cruciais para a compreensão do passado e as complexidades de traduzir um conhecimento de seu significado para o presente” (Palmer, 2014: 57). Ou seja, para E. P. Thompson o desafio da transformação social, em oposição ao mecanicismo explicativo, implicava na apreensão do passado como esteio indispensável à compreensão da classe operária em sua concretude histórica e das iminentes práticas de resistência ao controle produtivista do capital.

Deste modo, é imperativo que se dê importância aos aspectos sociais relativos à formação da classe operária, da fenomenologia contraditória contida na dimensão da cotidianidade repleta dos elementos explicativos dos vários mecanismos de reprodução social. Mais ainda, da formação/transformação permanente da classe operária enquanto sujeito histórico portador das possibilidades radicais na medida em que contém um

⁶ Amnérís Maroni (1981), em seu estudo sobre as greves metalúrgicas de 1978 enunciou sua metodologia de análise: “*Algumas lutas ganham legitimidade perante a sociedade, as correntes políticas que procuram representá-las, os pesquisadores que tentam analisá-las, outras permanecem na obscuridade, à sombra de uma metodologia incapaz de explicitá-las. Algumas lutas, porque coincidem com projetos políticos (predominantes) de transformação, tornam-se essenciais para a sua legitimação, outras são esquecidas, exatamente porque, em certa medida, os questionam [...] com isso abafa-se a emergência da história, entendida como campos de lutas*” (Maroni, 1981:02). Sobre a eclosão da rebeldia do trabalho nas fábricas metalúrgicas do ABC (1978 – 1980), ver Ricardo Antunes (1988).

conjunto de “evidências”, formando a matéria prima indispensável à apreensão do real, ainda que as “evidências” sejam incompletas e imperfeitas.

Para E. P. Thompson, o operariado não é criação natural da história, ele é criador/resultado/negação de um processo social contraditório. Bryan Palmer (2014), em defesa do método investigativo Thompsoniano recuperou importante reflexão desenvolvida por Thompson na sua obra clássica intitulada “A Miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser” ao afirmar que:

Em uma investigação histórica, não estamos folheando através de uma série de “imagens estáticas”, em que cada uma mostra-nos um momento do tempo social paralisado em uma única pose eterna, pois cada uma dessas imagens estáticas não é apenas um momento de ser, mas também um momento de se tornar, e ainda dentro de cada seção aparentemente estática, haverá contradições e ligações, elementos dominantes e subordinados, declínio ou ascensão de energias. Qualquer momento histórico é simultaneamente o resultado de um processo prévio e um indicador para a direção do seu fluxo futuro (Thompson, 1978 *apud* Palmer, 2014: 57).

Neste caso, em contraposição as interpretações estruturalistas disseminadas intensivamente no ocidente do pós-guerra, as contribuições dialéticas de E. P. Thompson ficam patenteadas na sua argumentação de que “qualquer momento histórico é simultaneamente o resultado de um processo prévio e um indicador para a direção do seu fluxo futuro” (THOMPSON, 1978 *apud* PALMER, 2014: 57).

Na verdade, trata-se do método utilizados no seu livro “*The making of the english working class*” escrito em 1963, cujos pressupostos teóricos foram expostos de forma sistematizada no livro Miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser (1981b). Trata-se de publicações reveladoras da insurgência, da rebelião intelectual de E. P. Thompson em defesa da interpretação materialista dialética em oposição às interpretações estruturalistas:

O problema, como já argumentei suficientemente, é passar dos circuitos do capital para o capitalismo; de um modo de produção altamente conceptualizado e abstrato, dentro do qual o determinismo surge como absoluto, para as determinações históricas como exercício de pressões, como uma lógica do processo dentro de um processo maior e por vezes contrabalanceador (Thompson, 1981b:181).

Percebe-se então, que o posicionamento teórico de E.P Thompson (1981b) pressupõe justamente a necessidade de, partindo da produção (O capital), deslocarmos a análise para a esfera da reprodução social (O capitalismo) e suas formas de sociabilidade correlatas. Essa postura teórica deve ser vista como uma atitude de

ousadia intelectual tipicamente Thompsoniana se considerarmos a conjuntura europeia da década de 1960 onde o pensamento “crítico” encontrava-se encapsulado no monopólio dos Partidos Comunistas ou Sociais Democratas, formando um espectro definido por Guy Debord (1992) como sendo o “espetáculo concentrado”, a faceta “negadora esquemática” que bloqueava a crítica radical.

Portanto, de forma combativa e polêmica, mas sem negar a tese de que a contradição essencial da sociedade moderna corporifica-se na existência das classes sociais antagônicas, E. P. Thompson apreendeu o operariado fabril enquanto a fração pujante do proletariado que, criadora do valor, constituía-se no segmento social potencialmente negador da sociedade regida pelo capital.

É por isso que E. P. Thompson, avesso à fabricação de heróis estereotipados, manteve em sua análise o núcleo central da concepção marxiana. Eis como E. P. Thompson definiu o conceito de classe:

by class I understand a historical phenomenon, unifying a number of disparate and seemingly unconnected events, both in the raw material of experience and in consciousness [...] more than this, the notion of class entails the notion of historical relationship[...]the relationship must always be embodied in real people in a real context [...] The class happens when some men, as a result of common experiences (inherited or shared), feel and articulate the identity of their interests as between themselves, and as against other men whose interests are different from (and usually opposed to) theirs (THOMPSON, 1991: 08)⁷.

Neste caso, o operariado é percebido enquanto fenômeno social, reflexo e produto de uma determinada época histórica, porém, não como sujeito social nulo/passivo, mas elemento ativo, protagonista da história produzida. Sua composição diferenciada no nível da contingência reafirma, apesar do *contentio inter partes*⁸, o lastro da sua gênese, ainda que do ponto de vista fenomênico, a classe se apresente de forma estratificada.

Na verdade, os seus formatos explicitam os efeitos da expansão do capital em suas diferentes temporalidades, revelando os resultados decorrentes das situações de combate permanente, das lutas de resistência levada a cabo cotidianamente pelo

⁷ “Por classe entendo um fenômeno histórico que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência e na consciência [...] mais do que isso, a noção de classe implica a noção de relação histórica [...] o relacionamento deve sempre ser incorporado em pessoas reais em um contexto real [...] A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses são diferentes (e, geralmente, em oposição à) deles.” (THOMPSON, 1991, p. 08.). (Nossa tradução).

⁸ Divergência entre as partes.

operariado, redefinindo a sua forma material e de pensar sobre a realidade vivida (de Decca, 1983, Maroni: 1981: Antunes, 1988).

O operariado industrial deve ser percebido enquanto especificidade do proletariado, segmento essencial pertencente ao conjunto dos assalariados que mantém intacto seu vínculo na criação do valor apesar das contradições materiais e espirituais que repercutem em contundentes desconexões no campo da reprodução social, motivação das práticas e condutas diferenciadas entre estratos e, ou, segmentos da classe. A apreensão desse processo de formação da classe constituiu o cerne das preocupações teórico/práticas de E. P. Thompson, matizando, por assim dizer, nosso entendimento das questões relativas às rugas entre as gerações operárias encontradas no ABC paulista contemporâneo conforme veremos mais adiante.

Visto assim, o conflito de gerações metalúrgicas encontrada na região do ABC paulista deve ser entendido como formas de apreensão/repercussão no nível de organização da classe operária, do processo decorrente das fraturas nos níveis de consciência do operariado no contexto da ofensiva do capital conforme atesta o processo de reestruturação produtiva disseminado após 1990 (Antunes, 1997), e intensificado nos governos de Fernando Henrique Cardoso e de Lula. Ou seja, uma nova dinâmica histórica que implica no permanente fazer-se/construção/desconstrução da classe operária na perspectiva Thompsoniana.

Para E. P. Thompson, a experiência da classe adquirida no cotidiano, autoriza-nos a apreender o operariado enquanto uma “unidade disforme” cuja capacidade de apreensão dos aspectos essenciais ou fenomênicos das contradições sociais indica que “a cotidianidade é, ao mesmo tempo, um mundo cujas dimensões e possibilidades são calculadas de modo proporcional às faculdades individuais ou às forças de cada um” (KOSIK, 1976: 69).

Dessa forma, tal qual temos salientado, a trajetória formativa do proletariado expressa os processos históricos cujas contradições reverberam na formação do operariado fabril, que deve ser percebido, de acordo com E.P. Thompson, enquanto estrato complexo da classe na medida em que a sua formação social, cultural, simbólica e moral não convergem automaticamente para um mesmo nível de consciência, mesmo que ocupem idêntico papel nas esferas da produção e reprodução social da sociedade capitalista⁹.

⁹ Ver o conceito de cultura definido por Terry Eagleton (2011) e Fredric Jameson (2002).

O operariado é uma unidade estratificada contraditória, razão pela qual, em E.P. Thompson, não pode ser percebido como um bloco social uniforme que resulta mecanicamente da estrutura organizativa do processo de produção e controle ideológico como compreendeu o pensamento de vertente estruturalista. Além do aspecto estrutural/econômico, que não deve ser ignorado, é preciso considerar a esfera da reprodução social a partir do cotidiano vivido em sua complexidade, momento em que as trajetórias coletivas e singulares, contraditoriamente, “igualam diferentemente” o processo de configuração/desconfiguração dos indivíduos coletivos que compõem os diferentes segmentos do operariado, conferindo maior complexidade, ao conjunto do proletariado.

No Brasil, temos que a partir da década de 1990 uma ampla produção intelectual vinculada à Engenharia Industrial, à Economia e à Sociologia do Trabalho, tem procurado analisar a disseminação do trabalho flexível. Em especial, ganharam destaque os estudos sobre o processo de reestruturação produtiva nas empresas montadoras localizadas na região do ABC paulista (Bresciani, 2001; Arbix, 1996; Comin, 1997). Ainda que tais estudos se apoiem em pressupostos estruturalista tais como; Estado, economia, sindicatos, representação patronal, não devemos ignorar que os dados empíricos contidos nessas pesquisas contribuem para a apreensão dos aspectos macro que impulsionaram a transformação na região.

Por outro lado, encontramos autores que procuram analisar os impactos dessas transformações, enfatizando a emergência de um perfil operário jovem que goza de maior escolaridade, maior qualificação profissional e de melhores salários, quando comparados com a média dos assalariados brasileiros. Um novo segmento operário cuja convivência com a velha geração é marcada por inúmeras rugas (TOMIZAKI, 2007; RODRIGUES, 2005).

Tais conflitos emergem do processo de dissensão das formas correlatas de emulação subsumidas no conceito de empregabilidade que exige a adoção de atitudes pró-ativas na produção flexível¹⁰. Trata-se de novas estratégias de captura da subjetividade operária desejada pela organização do sistema produtivo flexível, com maior repercussão entre o segmento metalúrgico jovem que luta para se fixar no emprego após passarem pela quarentena dos noventa dias que os separam da efetivação no emprego. São transformações cuja apreensão exige articular dialeticamente as

¹⁰ Sobre as formas de gestão e organização do trabalho flexível contemporâneo ver (Ohno, 1997; Coriat, 1994). Sobre as formas de “resistência negociada” na região do ABC ver (Bresciani, 2001).

transformações da economia e das políticas de governo, porém, sem deixar de perder de vista as resistências travadas no nível micro, aquelas que se desenvolvem no chão de fábrica, que não deixam terreno livre para a atuação do capital e que não são contempladas pelas interpretações estruturalistas remanescentes (Araújo, 2012).

É neste contexto de acirramento das rugas entre os operários antigos e os jovens, do “especulo difuso” segundo Guy Debord (1992), que se revelam as relações sociais estranhadas. Os operários antigos são vistos como aqueles que devem ceder seus lugares, e nos momentos que se discute o corte de pessoal, segundo relato de Jorge, a nova geração se manifesta provocativamente dizendo: “*vai pescar, véio*”, “*sua mulher está te esperando*” (ARAÚJO, 2012: 89)¹¹.

Neste caso, as rugas se revestem de drama social. A cena trágico/drama é dada pelo fato de que ambos os segmentos, na luta pela sua reprodução cotidiana, se engalfinham para ver quem continuará ocupando o posto de trabalho. Isso ocorre por que a reestruturação produtiva flexível redimensiona a exploração do trabalho gerando a superexploração do trabalho vivo jovem (Antunes, 1997; Araújo, 2012).

Esse mundo de novas oportunidades de acordo com o pensamento liberal amplamente difundido, na verdade, diz respeito às transformações sociais que relacionadas ao mundo do trabalho alteram a morfologia da classe trabalhadora com repercussões na sua consciência contingente¹². Esse processo recente nos desafia a investigar não só a nova morfologia operária no sentido da sua forma de ser, mas do novo fazer-se da classe conforme sugeriu E. P. Thompson (1963), ou seja, a reprodução social da classe no novo capitalismo e suas formas de resistências, bem como, os limites e as possibilidades das resistências operárias propriamente ditas.

Para os operários antigos, uma geração cuja identidade da classe se constituiu em meio às experiências adquiridas nos movimentos grevistas de massa, da resistência conflitiva/coletiva e das correlatas redes de solidariedade que se formam nesse contexto, tais provocações advindas dos mais jovens são vistas como formas de “humilhação”, “constrangimento” e desrespeito à memória de um “glorioso passado” de lutas, combatividade e conquistas. Ainda que os jovens sejam advertidos pelos mais velhos, de acordo com o relato de Paulo, o embate continua e a nova geração desabafa:

¹¹ Em nossa pesquisa, para a captação de dados subjetivos optamos por coletar depoimentos sobre a “história de vida”. Para tanto, nos apoiamos na metodologia de entrevistas em Ciências Sociais sugerida por Boni e Quaresma (2005).

¹² Ver “consciência de classe contingente e consciência de classe necessária” em Mészáros (1993).

“*aposentado tem que sair*”. Os antigos respondem: “*mas eu dei meu sangue aqui*”. O novo devolve: “*já era, sua fase já passou*” (ARAÚJO, 2012: 89).

A compreensão das rugas geracionais, evidenciadas acima, se inscrevem no panorama político/analítico contemporâneo cuja percepção dos significados essenciais contidos nas experiências cotidianas, conforme salientam Alves e Araújo (2013), exige ir além da apreensão enviesada dos epistemólogos e sociólogos contemporâneos que:

[...] Quando ouvem a palavra “experiência” identificam-na imediatamente à experiência II, a experiência percebida; isto é, movem-se na direção do que Marx denominou “consciência social”. Como consequência, afirmam que a “experiência II” é um meio imperfeito e falsificador, corrompido por interferências ideológicas. Entretanto, Thompson observa que as regularidades no interior do ser social, com frequência, resultam de causas materiais que ocorrem de forma independente da consciência ou da intencionalidade. Tais causas inevitavelmente dão ou devem dar origens à experiência vivida, à experiência I, mas não penetram como “reflexos” na experiência II. No entanto, a pressão dessas causas sobre a totalidade do campo da consciência não pode ser adiada, falsificada ou suprimida indefinidamente pela ideologia. (ALVES; ARAÚJO, 2013: 57).

É por isso que Alves e Araújo (2013), em contraposição ao pós-modernismo¹³ e sua pretensa “crítica” ao postulado estruturalista, retomam argumentos explicativos de E.P. Thompson que argutamente asseverou:

On the social changes which give rise to a transformed experience occur: This is This experience is crucial, in that it puts pressure on existing social consciousness, asks new questions and provides much of the material dealing with the most elaborate intellectual exercises. (THOMPSON, 1981a: 406)¹⁴.

Com base no enunciado de E. P. Thompson temos que “a experiência [...] constitui e nega, opõe e resiste, estabelece mediações, é espaço de prática, intervenção, obstaculizações, recusa, é processo de formação de identidades de classe e, poderíamos acrescentar, de gênero, de geracional e de etnias. Processos dialeticamente articulados que, ela, a experiência, expressa de forma privilegiada” (ALVES; ARAÚJO, 2013: 57).

É por isso que Kimi Tomizaki (2007), atada a experiência vivida, elaborou seu estudo sobre as formas de coexistência entre as duas gerações operárias amparada numa narrativa antropológica conforme sua descrição da nova geração metalúrgica:

¹³ Sobre o pós-modernismo ver Fredric Jamenson (2002).

¹⁴ Dentro do ser social ocorrem mudanças que dão origem a uma experiência transformada: e essa experiência é determinante, no sentido de que exerce pressão sobre a consciência social existente, propõe novas questões e oferece grande parte do material com que lidam os exercícios intelectuais mais elaborados (THOMPSON, 1981: 406). (Tradução nossa).

A primeira geração, na maioria absoluta, tem origem rural e foi introduzida em uma fábrica tipicamente taylorista/fordista. Trata-se, portanto, de trabalhadores formados pelo “trabalho pesado”, que, por consequência, valorizam a força física como recurso identitário importante. Além disso, os aspectos que definem a masculinidade e a virilidade são bastante visíveis, tanto na forma conservadora de se vestir ou de cortar e manter o cabelo quanto no cultivo dos hábitos de beber (geralmente cachaça) e fumar. A segunda geração, por sua vez, fortemente influenciada pela cultura escolar e gozando de padrões de vida da classe média, apresenta outra relação com o corpo. A força física é mais eufemizada; o cuidado com as roupas, por exemplo, causa estranheza entre os mais velhos, além dos brincos, cabelos longos (ou cabeça raspada) e outros acessórios inimagináveis para a primeira geração, tais como anéis, pulseiras, colares e as inevitáveis tatuagens. (TOMIZAKI, 2007: 168-169).

Na passagem acima a incorporação dos pressupostos descritivos antropológicos, sociológicos e históricos, permite-nos a apreensão fenomênica das diferenças entre a antiga e a nova geração operária. Entretanto, é preciso salientar que a metodologia descritiva é insuficiente para captarmos a classe transformada. Ao se contrapor ao estruturalismo sem as devidas mediações, finda por obstaculizar o entendimento da relevância analítica das teses Thompsonianas em relação a cotidianidade operária, pois incorre em equívocos de uma narrativa apoiada numa metodologia excessivamente descritiva, poderíamos dizer; numa “inflação descritiva”.

Para o historiador Marcelo Mattos (2006) a reinterpretação de E. P. Thompson na terra Brasilis descuidou-se em assinalar que a concepção de interdisciplinaridade que guiava as formulações do historiador inglês, ao incorporar elementos da Antropologia e da Sociologia, não implicava no abandono da análise do processo histórico fundado na sociedade de classes e suas contradições na medida em que E.P. Thompson afirmava categoricamente que:

[...] É preciso estar alerta para todos os pressupostos que puderam insinuar-se em cada etapa, creio que isso quer dizer que precisamos ler muito de outras disciplinas; é preciso, além disso, estar a par das inovações teóricas da Antropologia e da Sociologia; permanecendo ao mesmo tempo prudente, pois não se trata de aceita-las em bloco. (THOMPSON, *Apud*, MATTOS, 2006: 88).

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que é salutar a apropriação da premissa de E. P. Thompson para a interpretação dos significados histórico/sociais parece-nos prudente guardar distância do culturalismo que a pretexto de ampliar o escopo da análise em face do “deslocamento das identidades”, finda por ignorar os sinais de alerta

do historiador inglês. Com isso, pasteurizam a classe numa descrição fragmentada que pretensamente autossuficiente, jacta-se em desenvolver estudos sobre novos sujeitos sociais a partir da tese da diversidade no contexto de “crise das identidades”¹⁵.

Assim, temos que no Brasil foram introduzidas tardiamente as teses do difuso multiculturalismo fomentado na Europa na década de 1960 (Jameson, 2002). Um novo “arcabouço teórico” que pretensamente contrário ao estruturalismo, focou seus estudos em torno das “identidades” (Hall, 2011) em detrimento à tese das classes antagônicas, findando por empobrecer o conceito de experiências I e experiência II que, subsumidas nas teses de E.P. Thompson, constitui o cerne das suas formulações quando dos embates teóricos contra a interpretação dogmática em relação à “forma de ser e se perceber” da classe, a formação da sua consciência no seu fazer histórico cotidiano sugerido por Alves e Araújo (2013).

Na verdade, as transformações do mundo do trabalho contemporâneo correspondem aos cenários que engendram a forma de ser material e espiritual da classe operária. A cultura operária reflete, então, as formas de reprodução social que estranhadas, materializam a subjetividade operária verificáveis nos comportamentos e condutas cotidianas mediadas por valores e costumes inerentes ao segmento do operariado fabril tal qual analisou E. P. Thompson em “*The making of the English working class*” (1963). É claro que o operariado de determinada fábrica ou região não é um sujeito histórico passivo na medida em que resiste às mudanças, porém, a eficácia de sua resistência deve ser dimensionada enquanto processo articulado ao movimento geral do capital e a resistência da classe na sua totalidade, das tendências e possibilidades do presente como pré-condição das possibilidades futuras, da relação dialética entre o particular e o geral.

Daí que concluímos que o operário não resulta de “potinhos” modelados pela economia, Estado, sindicato e outras estruturas. É preciso salientar que ele reage, promove no chão da fábrica lutas políticas de resistências à sanha capitalista como bem salientaram Edgar de Decca (1983) e Maroni (1981). Daí novamente a importância de E. P. Thompson, pois a história da classe operária deixa de ser uma expressão estrutural/abstrata, sem negar as esferas da produção e da ideologia, para tornar-se a história da experiência vivida por homens e mulheres reais num mundo contraditório da reprodução social.

¹⁵Em relação ao debate sobre o conceito de cultura e a crise das identidades ver também Fredric Jameson (2002) e Stuart Hall (2011).

A classe operária, por ser histórica, deve ser percebida enquanto estrato do proletariado dotado de diferentes concepções morais, religiosas e valores (Heller, 1989). Suas ações “forjam” processos difusos premidos pelas contingências do cotidiano que além de plurais, passam por constantes realinhamentos e modificam-se de acordo com as circunstâncias impostas pela realidade objetiva, sem a perda da sua unidade essencial histórica/social contraditória e de classe. Esse processo de experiências vividas também ocorre por fora das estruturas pré-concebidas e contribuem para a formação da classe.

Para o entendimento do acirramento do processo de disputas entre estratos do operariado (a antiga e a nova geração), é preciso apreender os sentidos e as particularidades das ações dos indivíduos, grupos ou estrato da classe que atuam premidos pela dimensão objetiva imposta pelo cotidiano capitalista, pois:

“[...] as escolhas entre alternativas, juízos, atos, têm um conteúdo axiológico objetivo. Mas os homens jamais escolhem valores, assim como jamais escolhem o bem ou a felicidade. Escolhem sempre ideias concretas, finalidades concretas, alternativas concretas. Seus atos concretos de escolha estão naturalmente relacionados com sua atitude valorativa geral, assim como seus juízos estão ligados à sua imagem de mundo”. (Heller, 1989: 14).

Temos que de forma acentuada, os novos significados das manifestações da vida cotidiana alienada, tornam-se reveladoras de um novo conteúdo “axiológico objetivo” que atua como força capaz de reduzir parte significativa da força de trabalho à condição de “rejeito humano”, pois, a consolidação dos paradigmas técnico-organizacionais do trabalho flexível implica também tornar descartáveis contingentes expressivos do proletariado, tais quais os operários antigos. Contudo, o deslocamento das ações sindicais dos metalúrgicos do ABC da estratégia do conflito para a lógica da conciliação/negociação, contribuiu decisivamente para a fragmentação na consciência contingente do operariado e do aprofundamento das rugas entre suas diferentes gerações (Araújo, 2002).

O novo segmento operário, por ser portador de aptidões profissionais e atitudes condizentes com as exigências, “também ideológicas”, do mercado de trabalho - particularmente no caso das empresas flexíveis -, de modo geral, se beneficiam dessa disputa em relação aos antigos e são duramente criticados pelo seu descolamento, desinteresse em participar das ações sindicais.

Mas a dimensão da reprodução cotidiana estranhada se manifesta com toda a sua intensidade, pois são os operários mais antigos, parentes diretos dos operários jovens, que, almejando uma vida melhor para seus filhos, considerando a condição

salarial/material, disseminam nas empresas montadoras da região do ABC as ideias fundadas nas contingências típicas da experiência I. De acordo com o relato de Jorge é comum você ouvir os operários mais antigos dizendo aos seus filhos; “[...] *filho, ó, você tem que estudar... você tem que fazer isso... ó, você tem futuro aqui dentro da empresa*”. (ARAÚJO, 2012: 90).

A dessemelhança dos comportamentos dos estratos “da classe”, em nossa contemporaneidade, demonstram as vivências e experiências temporalmente estanques de cotidianos fundados por contextos históricos distintos. A geração mais antiga viveu espasmos da experiência II na qual a ação coletiva forjou uma identidade de classe aguerrida em meios às greves deflagradas durante os anos de chumbo no Brasil, momentos de intensas manifestações, de greves operárias e criação das representações nos locais de trabalho como o foram as Comissões de Fábricas do ABC (Silva, 1987).

O segmento mais jovem viveu situações de experiência I cujo cenário era dos tempos de “democracia” e da ofensiva do capital por meio da reestruturação produtiva, de esvaziamento do sindicalismo combativo, da defensiva sindical consubstanciada em ações de conciliação e parcerias com o capital (Araújo, 2002). Uma conjuntura política e ideológica que não deve ser ignorada na medida em que a figura do colaborador encarna o ressurgimento da figura do “*self-made-man*” contemporâneo, um “novo homem” dotado de valores egoísticos difundidos à exaustão nas fábricas reestruturadas.

As ações do capital no sentido de cooptar este novo segmento jovem da classe, em face da defensiva sindical, parece mover “forças ocultas”, capaz de causar uma espécie de “medo paralisante”. Contudo, não se trata de sacrificar os operários mais jovens, pois sua recusa em participar das estruturas sindicais demonstra a maneira resignada como encara os dilemas impostos pelas contingências sem que isto represente automaticamente sua adesão espontânea à lógica reprodutiva do capital.

A recusa desse segmento operário em participar do sindicato não anula a possibilidade de que o jovem metalúrgico, imerso em novas contradições sociais, construa sonhos e desejos subliminarmente assentado na “recusa” das estruturas representativas da classe já constituídas. Além do que, devemos considerar que suas aspirações foram engendradas no ambiente de trabalho flexível, num contexto em que o mesmo foi educado pela direção sindical metalúrgica do ABC para a “não confrontação” na fábrica.

Seu modo de fazer-se foi engendrado com base em suas experiências vividas, um processo sindical coletivo marcado por ações cujas práticas buscavam encontrar

espaços de negociação com vistas à conciliação defensiva (Bresciani, 2001). No plano político essa tendência ganhou maior impulso quando formatada de acordo com o ideário contido na tese da concertação social petista, tese impulsionada com mais vigor a partir da chegada de Lula à Presidência da República em 2002.

É justamente essa dimensão social do processo de formação permanente da classe operária, da *Real Story*, que encontramos as evidências, os vestígios dos traços que permitem apreender sua essência política, econômica e cultural. Ou seja, o fazer histórico da classe interpretado também pelas contingências impostas pela cotidianidade, pela cultura entendida enquanto práticas que matizam a reprodução social da classe operária em oposição aos pressupostos verticalizados expressos pelas tendências estruturalistas e sua interpretação economicista e politicista.

Para E. P. Thompson (1963, 1981b, 1998), a classe operária se realinha permanentemente de acordo com a sua inserção na esfera da produção e da reprodução social, e essa, por sua vez, se modificam conforme se alteram as condições de sua existência nos diferentes contextos históricos. Da mesma forma, a conjuntura histórica não é como uma linha reta, mas constituída de movimentos de avanços e recuos, um processo que implica em impulsos e retrocessos no nível da consciência contingente, conformando traços sociais indelévels do processo de formação da classe em si; *“Their aspirations were valid in terms of theirs own experience; and, if they were casualties of history, they remain, condemned in their own lives, as casualties”*. (Thompson, 1991: 12)¹⁶.

Parece-nos, então, que o lapso temporal que separa as gerações operárias, particularmente a antiga e a nova geração flexível encontrada no ABC paulista, em sentido literal, expressam variantes em suas formas de reprodução sem romper o vínculo umbilical que, subsumidas no processo de formação da grande indústria, representam as particularidades da forma de ser da classe em tempos de predomínio das transnacionais flexibilizadas.

Neste sentido, temos que a nova geração metalúrgica flexível expressa um estrato da classe transformada cujo lastro histórico, por mais que se apresentem novas facetas no plano da reprodução social, reafirma, pelo papel que ocupa na produção, sua genealogia social vinculada a contradição essencial da sociedade capitalista. A classe

¹⁶ “Suas aspirações eram válidas em termos de suas próprias experiências; e, se eles foram vítimas da história, eles permanecem condenados em suas próprias vidas, como vítimas” (THOMPSON, 1991:12). (Tradução nossa).

operária, ainda que modificada pela reestruturação produtiva, encontra-se subalternamente imersa na lógica do capital, mas, por ser o outro dialeticamente negativo, contém potencialidades transformadoras que podem emergir silenciosamente como forma de resistência política.

Justamente por isso que ao resgatar o legado de E.P. Thompson, pretendemos contribuir para a compreensão de nossa contemporaneidade, reconhecendo a situação defensiva da classe operária em face do processo de reestruturação produtiva, porém, guardando distância das teses cétricas que pretensiosamente realistas, propugnam a rendição fatalista da classe operária à ordem capitalista na medida em que profetizam que a classe não fez a revolução, ao contrário, apegou-se aos valores sociais do capital.

Ou ainda, se contrapor às reminiscências teóricas das teses calcadas em interpretações mecanicistas/economicistas que ignoram a reconfiguração objetiva e subjetiva da classe operária. Teses que, ao vulgarizarem as contribuições do materialismo histórico, contraditoriamente, permitem pela via da sua negação, recuperar a essência da tese Thompsoniana que percebe a classe no plano da dimensão cotidiana, do E. P. Thompson audaz que demonstrou a cotidianidade como sendo o terreno supremo para a leitura crítica das formas de reprodução social e das contradições latentes.

Vimos que a partir do estudo da “experiência vivida” e da “experiência percebida”, E. P. Thompson apontou um caminho investigativo fértil, inaugurou uma metodologia de investigação científica cuja realidade social pode ser apreendida a partir do cotidiano enquanto estudo da cultura, elegendo a cotidianidade como sendo o terreno em que encontramos o manancial social crítico e indispensável à compreensão das novas contradições históricas reais.

Por fim, trata-se da possibilidade de apreensão da realidade social que, para além dos aspectos fenomênicos da vida, permitiu ao autor afirmar que em tempos de calma aparente “People fancy that when all is quiet that all is stagnating [...] Propagandism is going on for all that. It’s when all is seed’s a- growing” (THOMPSON, 1991: 781)¹⁷. Nesse caso, a resistência silenciosa da classe operária não encerra as contradições sociais, ao contrário, demonstra que a história é processo contraditório, elucidá-lo constitui o ofício do historiador.

¹⁷ “As pessoas imaginam que quando tudo está calmo, tudo está estagnado [...] Toda forma de propagandismo está acontecendo. Tudo é uma semente em crescimento...” (THOMPSON, 1991: 781).

Referências

ALTHUSSER, Louis. P. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

ALVES, Giovanni; ARAÚJO, Renan. *Thompson, Lukács e o conceito de experiência - um diálogo mais que necessário*. Revista Mundos do trabalho. v. 5, n. 10, 2013.

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?: Ensaio sobre as Metamorfozes e a Centralidade do Mundo do Trabalho*. 4º. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. *Crise e Poder*. São Paulo: Cortez 2º. Ed.,1985.

_____. *A rebeldia do trabalho*. Campinas: Ensaio, 1988.

ARAÚJO, Renan. *O novo perfil operário metalúrgico do ABC: um ensaio sobre o trabalho e o modo de vida “just-in-time” do metalúrgico jovem-adulto flexível (1992-2008)*. Campo Mourão: Editora Fecilcam, 2012.

_____. *O sindicalismo propositivo do ABC*. Dissertação de Mestrado. Unesp/Marília, 2002.

ARBIX, Glauco. *Uma Aposta no Futuro: Os primeiros anos da Câmara Setorial da indústria automobilística*. São Paulo: Scritta, 1996.

BONI, Valdete & QUARESMA, Sílvia J. *Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais*. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005.

BRESCIANI, Luís Paulo. *O contrato da mudança: a inovação e os papéis dos trabalhadores na indústria brasileira de caminhões*. Tese Doutorado: Unicamp: Instituto de Geociências, 2001.

CANO, Wilson. *Reflexões sobre o Brasil e a (des) ordem internacional*. Campinas. Unicamp,1993.

COMIN, Alvaro. *De volta para o futuro: política e reestruturação industrial do complexo automobilístico brasileiro*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 1998.

CORIAT, Benjamin. *Pensar pelo Averso: o modelo japonês de trabalho e organização*. Rio de Janeiro: Reva/ UFRJ, 1994.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. São Paulo. Contraponto: 1992.

DECCA, Edgar. S. de. *A ciência da produção: a fábrica despolitizada*. Revista Brasileira de História (Anpuh). São Paulo, v. 03 n.06, 1983.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Trad. Sandra Castello Branco. 2ºed. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Thomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. 11º Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História*. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 3ºed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1989.

JAMESON. Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevasco. 2º ed. São Paulo: Ática, 2002.

MATTOS, Marcelo Badaró. *E. P. Thompson no Brasil*. Revista Outubro, n.14, novembro de 2006.

MÉSZÁROS, Istvan. *Filosofia, ideologia e Ciência Social: ensaios de negação e afirmação*. São Paulo: Ensaio, 1993.

KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto*. Trad. Célia Neves e Alderico Toríbio. 2º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LEITE. Márcia P. *A classe operária e a questão sindical*. In- Processo e relações do trabalho no Brasil. Fleury, Maria.T.L.; Fischer, Maria. R. (Org). São Paulo: Atlas s.a, 1987.

MARONI, Amnéris. *A estratégia da recusa*. Dissertação de Mestrado. Unicamp/Campinas, 1981.

MARX, Karl. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Escriba 2. ed.,1968.

OHNO, Taiichi. *O sistema de produção Toyota*. Porto alegre: Brookman, 1997.

OLIVERIA, Francisco. *Acumulação monopolista, Estado e urbanização: a nova qualidade do conflito*. In – Contradições urbanas e movimentos sociais; Moisés, José A. (org). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PALMER, Bryan. *Paradoxo e polêmica, argumento e constrangimentos: reflexões sobre E. P. Thompson*. Revista História e Perspectivas. Nº Especial, 2014.

PAOLI, Maria, C. SADER, Eder. TELLES, Vera da Silva. *Pensando a classe operária: os trabalhadores sujeitos ao imaginário acadêmico*. Revista Brasileira de História (Anpuh). São Paulo, v. 03 n.06, 1983.

RODRIGUES, Iram J. MARTINS, Heloisa Helena T. *Perfil socioeconômico de jovens metalúrgicos*. Revista Tempo Social. v.17. nº2, 2005.

SILVA, Roque. Ap. Comissões de fábrica e autonomia dos trabalhadores. *In_ Processos e relações de trabalho no Brasil*. Fleury, Maria.T.L.; Fischer, Maria. R. (Org). São Paulo: Atlas s.a, 1987.

SHAPIRO, Helen. *A primeira migração das montadoras*. In - De JK a FHC, a reinvenção dos carros. São Paulo: Scritta, 1997.

THOMPSON, E. P. *The making of the english working class*. London: Penguin Books, 1963.

_____. The Politics of theory. In: SAMUEL, Raphael (Ed.). *People's history and socialist theory*. London: Routledge, 1981a, p. 406.

_____. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. SP: CIA. Das Letras, 1998.

_____. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar Editores: 1981b.

TOMIZAKI, Kimi A. *Ser metalúrgico no ABC: transmissão e herança da cultura operária entre duas gerações de trabalhadores*. Campinas: Arte Escrita, 2007.

Data de recebimento: 07/01/2015.

Data de aceite: 26/06/2015.